



Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 19 de Maio de 1979 * Ano XXXVI — N.º 918 — Preço 2\$50

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



O cruzeiro de pedra foi um sinal de Cristo no centro da nossa Aldeia de Malanje

MALANJE Por Padre Telmo

Sim... Já não é a nossa Casa do Gaiato. É Escola Provisória com os Serviços de Educação a tomar conta.

«Não tenha pena, nada se perdeu, estamos nós» — disse-me há dias o Maxinde.

Consolador. As coisas materiais de que nos rodeámos não têm interesse. Os rapazes estiveram no princípio delas e eram o fim.

Vimos, com alguns rapazes que já têm 18 anos (a educação entre os 5 e os 18 pertence só ao Estado), ocupar uma fazenda abandonada — a Carianga. Trouxemos o cruzeiro de pedra, que foi, durante anos, um sinal de Cristo no centro da nossa Aldeia. Ele não veio. Está. Sempre presente nos Camaradas, irmãos todos e

em todos os lugares. Sereno. Doce e compreensivo.

Será aqui a «nossa Casa» ao serviço dos que mais precisam:

No testemunho do Senhor em 50 senzalas que nos rodeiam.

Na ajuda mecanizada às suas lavras.

No amparo aos doentes, velhos e pobres.

Numa manhã de sol voltarão os gaiatos... Carregaremos de novo o cruzeiro de pedra... a caminho da «nossa Aldeia».

Carianga, 3 de Abril de 1979

AQUI, LISBOA!

«Apedrejas os pecadores? O Mestre não fez nem ensina assim. Tira a trave dos teus olhos; oh tu que pretendes julgar os mais!» (Pai Américo)

Os pais e os educadores conscientes têm de permanecer alerta, sem descanso ou desânimos. Todas as atenções e cuidados são poucos. As crianças e os jovens, em geral, são tesouros de valor incomensurável, sempre a exigirem o maior desvelo e o mais profundo espírito de sacrifício. «Falar dos Direitos da Criança — dizia há pouco João Paulo II — é falar dos deveres dos pais e dos educadores, que continuam a estar ao serviço da criança, do seu interesse superior.»

Falamos hoje de prostituição, desse flagelo social que representa um dos mais humilhantes aspectos da desumanização do género humano, do homem e da mulher.

Nas nossas Casas conhecemos ao vivo as consequências trágicas da prostituição. Por decoro e respeito pelas vítimas inocentes dos mais variados traumas psíquicos e físicos a que conduz, queremos ser discretos. Ainda hoje, pouco antes de começarmos a escrever estas linhas, tivemos oportunidade de meter as mãos nas feridas indeléveis que atornentam, e de que maneira, todo o ser de um dos nossos.

A prostituição é, todos o sabemos, essencialmente, o fruto da degradação das condições sociais, económicas e morais da sociedade em que vivemos.

Diríamos, melhor, que ela representa a consequência lógica da perversão a que conduz a injustiça, a miséria, a ansia de prazer, a ambição do fácil, em suma, a «coisificação» do Homem. Nunca tanto como na prostituição se degrada a Mulher e se bestializa o homem.

A exploração do homem pelo homem toma na prostituição um dos seus mais elevados expoentes. Há um negócio montado, embora mais ou menos velado. Desde os proxenetes e rufiões aos chamados bares-dancings e às casas particulares ou clubes destinados ao encontro de «senhores respeitáveis», passando pelos lupanares tolerados e pelas abordagens na via pública, em lugares estratégicos, há um mundo de negócios complexo e demolidor dos mais sagrados valores.

Nas escolas, e não só, minimiza-se o valor da virgindade e da castidade em geral. A educação sexual que se dá é, com frequência, deficiente, e, não raro, premeditadamente perversa. Ensina-se as crianças, às vezes por processos capciosos, que, ao fim e ao cabo, tudo se reduz a uma questão de «machos» e de «fêmeas»...

Têm as famílias e os educadores, repetimos, de estar aten-

PRESENÇA

● P.e Telmo diz-nos noutra lugar, com a sobriedade que é o seu estilo, com a esperança que é o seu timbre, o fim de uma primeira fase do nosso estar em Malanje.

Igreja que somos, que sempre reivindicámos ser, vamos merecendo as nossas esporas na provação, pela provação. Tarefa da Igreja é construir. Arrancada daqui, Ela renasce acolá, com mais pujança, com mais pureza. A Sua história está cheia de acontecimentos assim. Que foi esta Escola? Que foi este Hospital? Que foi este Quartel?... Foram casas que a Igreja ergueu para estrutura de uma edificação infinitamente mais importante: Fazer homens, ajudá-los a crescer na dignidade e consciência de filhos de Deus.

Nem o Maxinde saberá a

profundidade daquilo que disse: «Não tenha pena, nada se perdeu, estamos nós». Ele foi o porta-voz do Espírito Consolador, que sopra onde quer, por quem quer.

«Fazer de cada Rapaz um homem» é a nossa missão. Não pode ter sido em vão que os nossos pais pegaram em terra de capim e floresta selvagem e desbravaram e arrotearam por amor do Rapaz sem ninguém, para que ele tivesse um lar, pudesse experimentar o sabor da vida familiar, alcançasse que, por muitas razões se podem perder os pais que nos geraram para a vida, mas nunca se perde o Pai que nos criou para a Vida. A frutificação não segue imediatamente a sementeira. Foram dezasseis anos de trabalho intenso, temperado por uma dedicação até

ao limite das forças humanas. É o tempo da árvore nos oferecer seus frutos. Quem sabe se Deus não permitiu as linhas que os homens traçam tortas, para escrever direito o que Ele quer, aquilo que por Ele e com Ele foi o projecto apaixonado dos nossos pais? Fazer homens! Quem sabe se não será por este preço custoso de contradição que tantos Maxindes que passaram por nossas Casas sem se aperceberem do dom que elas eram, tomam agora consciência de esse dom e vão assumir-se o «pequeno resto» em que Cristo, sempre presente, aguarda a hora da restauração?! «Nada se perdeu, estamos nós.»

Hora de dor, mas hora de esperança, como devem ser to-

Cont. na 2.ª página

Cont. na 4.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Miranda do Corvo

AGRICULTURA — Com o abrandar das chuvas, o Abílio pega no tractor e vai lavrar e frezar as terras. Preparam-se os adubos e as batatas e começam as sementeiras. Pois semeámos batatas, favas, feijão e plantámos cebolo, couves, tomateiros e alface.

Na semana passada acabou-se de sachar as primeiras batatas que semeámos. As últimas também daqui a alguns dias estarão boas para sachar. Este ano tivemos de comprar mais batatas, porque semeámos mais uma terra.

Aproveitamos, também, estes dias de sol para sulfatar as videiras e as batateiras. E, no fim de tanto trabalho e esforço, reunimo-nos na nossa Capela, para pedirmos a bênção do Senhor.

OFICINAS — Com esta tarefa das Festas e da agricultura, temos as nossas oficinas um pouco paradas. Pois com o trabalho que temos não poderíamos abandonar as nossas oficinas que também são o centro daquilo que nós necessitamos.

O trabalho é imenso e os fregueses sempre a perguntarem quando é que as encomendas estarão prontas. Explicamos-lhes que não temos homens a trabalhar cá em Casa. O trabalho do campo é feito por nós todos, principalmente os das oficinas. Os nossos fregueses compreendem e sabem esperar.

Vamos ver, quando as Festas acabarem, se o trabalho das nossas oficinas vai para a frente.

Luis Manuel

Calvário

VER PARA CRER? — Num dos últimos domingos foi um dia cheio de pessoas a olharem, não sei se com indiferença, para isto ou então sem coragem para dialogar. E muitas outras mais a percorrerem e a perguntarem o que lhes parecia. Ora isto vem a propósito da edição do livro «O CALVÁRIO». Pese embora o facto de algumas cartas a testemunharem um empenhamento maior, em compreender e aceitar o marginalizado por qualquer circunstância. Também os que, embora acreditem, querem constatar com os seus próprios olhos o que foi escrito no citado livro. É bom sinal, também, que os Amigos não façam embelezar as estantes com ele. Mas sim como aquela mulher do povo que trazia um na mão e dizia: — Eu não sei como souberam o meu nome e morada para me mandarem este livro! Mas pode ficar a saber que não tem estado parado nas minhas mãos...

Ora tudo isto tem a sua justificação, em relação à pergunta deste apontamento: «Ver para crer?» É verdade que sim. Se as verdades sempre foram o melhor fermento para inquietar e até desorientar tanta gente, hoje assim sucede. Pois aquela pessoa estava rodeada de pessoas que também leram o livro mas ficaram vencidas com a realidade, apenas porque vieram!

Quem dera que o que foi escrito, e continua a ser, sobre os doentes e rapazes não seja apenas para que apareçam pessoas aqui ou nas Casas do Gaiato com o fim de acreditarem. Seria bom que fosse um alerta para um empenhamento concreto, de modo a se evitarem degradações e... muitas coisas mais!

TRABALHO — Sempre foi uma arma forte aqui em Casa para muitas pessoas. E, verdade também, é um ensinamento profundo, para mim, verificar o esforço constante de pessoas que até agora eram julgadas, de onde vieram, incapazes de se arranjarem pelos seus próprios meios!

No meio de tantas transformações que se têm operado no Calvário, com tantas disparidades de situações, como seria bom que os homens decidissem acreditar mais e julgar menos as aparências físicas e mentais de seres humanos. É ver a sr.^a Rosa, o que ela era e é hoje! Na falta de lavadeiras lá vai ela todos os dias, com mais outras doentes, para os tanques lavar fraldas para que os acamados estejam mais limpos.

Durante o Inverno foram as doentes que mais tempo lavaram a roupa.

É necessário que a procura de tantos valores transviados não cesse. Nós e os homens precisamos deles. Porque valores com sinceridade e grandeza de alma que nos fazem renovar mais a nossa fé no futuro deste País, do que tantas formas de greves!... Esta forma de trabalhar, aqui no Calvário, não é mais do que ser uma força de mover almas. Porque o significado é vasto e profundo. Tanto para os de dentro como os de fora! Só temos pena que muita gente não faça uma ideia do que significa a existência no meio do desequilíbrio físico e mental, falar de «quem não trabalha»...

São pessoas que nesta linha se apercebem muito melhor nas suas reacções. Não fosse a ocupação, como tudo seria pior aqui... Como o será em muitos lados!

Manuel Simões

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Ele é um homem inscrito regularmente em uma Caixa, dita de Previdência. Está com «baixa», completamente inválido. Mas a Caixa, ao que supomos pelo regulamento, não abona subsídios de doença a trabalhadores de serviços humildes, que descontam mensalmente muito pouco!

Pois o nosso Amigo requereu sua pensão de invalidez em 10 de Outubro de 1978. Já lá vão 7 meses e, da Caixa Nacional de Pensões, nem recado nem resposta! São os nossos leitores a suprir materialmente...

E andam os homens públicos a degladiar-se, quando deveriam, no domínio do concreto, motivar eficácia e oportunidade em sectores tão fundamentais para a vida e bem-estar dos cidadãos humildes!

É triste! Mas há verdades que o recoveiro dos Pobres, porque recoveiro, não pode esconder, pois está em causa a dignidade do Homem, neste caso a dignidade dos Pobres.

PARTILHA — Para irmos de encontro a todos quantos necessitam da nossa mão, temos 50\$00 dos Amigos de D. António Barroso, Homem da Igreja cuja personalidade permanece viva entre os cristãos da Diocese.

Mais 100\$00 de Amélia, nossa «velha Amiga» lisboeta. O mesmo da Rua do Outeiro, Massarelos, Porto. Assinante do Seixal com 2.000\$00 do seu salário. É presença que não falha, testemunhando uma fé esclarecida. Meschede, Alemanha Federal, 10 marcos. «Uma nulidade», de Trás-os-Montes, 400\$00. É Amigo que nos acompanha, a par e passo! «Dois Irmãos unidos», do Porto, 300\$00. Que legenda amorosa! «Por alma de Albertina e Joaquim», 200\$00 entregues no Espelho da Moda. Finalmente, ainda do Porto, metade de J. C. N.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

FESTAS — As nossas Festas continuam com muito entusiasmo. Os nossos mais pequenos são os que mostram mais a alegria que a todos invade nesses dias de convívio.

Estive na Covilhã, no Fundão e em Castelo Branco com a nossa Comunidade de Coimbra-Miranda do Corvo, onde foram fazer Festa.

Na apresentação da sua Festa o Luís — Chefe maiorial — dizia:

— E, agora, vamos todos fazer a Festa!

Evidentemente que nós não queremos fazer a Festa sózinhos. Ela também diz respeito aos espectadores amigos.

Como é já tradicional a Festa de Miranda tem na primeira parte uma peça séria com o título «Ainda há

crianças que...». É dedicada ao Ano Internacional da Criança e fala dos problemas de muitas famílias que abandonam os filhos, deixando-os no esquecimento. Uns por força das circunstâncias, outros por causa do álcool e do dinheiro.

A segunda parte é já uma característica de todas as Festas das nossas Comunidades. Danças, quadros cómicos e canções.

Durante estas três Festas na Covilhã, Fundão e Castelo Branco, a malta ficou hospedada, digamos assim, no Centro Pastoral da Covilhã.

Gostei imenso de conviver esses dias com parte da Comunidade de Miranda do Corvo.

Estou agora a lembrar-me de duas danças folclóricas que fazem parte do programa. O João Paulo e o Luís são os cantadores. E que bem canta o João Paulo! Eu disse-o a ele próprio e ele respondeu-me: — Pois, é aquela máquina!

Parabéns a toda a Comunidade de Miranda pela Festa que realizou e que traz uma mensagem de paz, de amor e um chamamento à união entre todas as famílias do mundo, especialmente do nosso Portugal.

MÊS DE MAIO — Quando fiz a viagem Porto-Coimbra, a coisa que mais me chamou a atenção foram os peregrinos que caminhavam em direcção a Fátima.

Devem fazer um sacrifício tremendo, pois com o sol que está, quente, só apetece a sombra das árvores e a água fresquinha dos rios e riachos.

Mas não, a devoção e a fé são maiores que as tentações fáceis e banais.

Para todos eles, os nossos votos de boa peregrinação.

DESENTENDIMENTO — Não há muito tempo que vos falei do «Passarinho» e do «Pardal». Pois bem, as duas «aves» continuam no desentendimento total. Qual a solução para o caso? O castigo parece não os convencer que estão a proceder mal e que têm que se recompor.

Foi ao almoço de terça-feira que o «Passarinho» vira a tigela da sopa por cima do «Pardal». Não cheguei a apurar se foi por querer ou sem querer, o certo é que isto aconteceu. O «Pardal» não se conformou e ameaçou o «Passarinho» de que isto não ficava por ali.

Enfim, vamos encontrar a solução mais adequada para a resolução deste grave problema que é o desentendimento entre duas «aves» que eu vou designar de «rapina»!

FINS-DE-SEMANA — Com a chegada do bom tempo as actividades no interior já não são nada agradáveis. Nem os filmes que costumamos ver nos sabem bem! É o calor que nos força a mudar de ambiente. Então, a malta já escolheu outras modalidades, mais ligadas ao desporto, tais como: natação, voleibol, atletismo, etc. O que é preciso é que todos ocupem o seu lugar para que não haja aborrecimentos por parte de ninguém.

«Marcelino»

BEIBE

Meus caros amigos, é a primeira vez que escrevo para o jornal. Também tenho pouco tempo para escrever, pelo menos agora, neste tempo.

Temos 36 cabeças de gado para tratar todos os dias. Temos que nos levantar às seis e meia da manhã. E, agora, o trabalho do campo é intenso. Vamos colher a palha e secá-la; também lavrar os campos para o milho; e já semeámos a nossa batata toda e temos alguma para sachar.

Cá em Casa temos tido muita fruta e, para isso, já andamos em sulfatações para termos a mesma sorte.

Mas ainda há fruta do ano passado nas fruteiras e ainda muitas laranjas.

É assim que a gente vai amalhando o nosso trabalho.

Luis Filipe

PRESENCÇA

Cont. da 1.ª página

das as horas dos cristãos. Quando soar?... Não é consoco. «Cristo não veio, nem vai; está.» Por isso, «numa manhã de sol voltarão os gaiatos... Carregaremos de novo o cruzeiro de pedra... a caminho da nossa Aldeia».

● O mesmo correio que nos trouxe carta de Malanje, trouxe-nos a Circular n.º 1/79 da Direcção Nacional de Energia, de Moçambique.

Dirigida à Casa do Gaiato, no Km 16 da Estrada de Maracuene, deu o impresso muitas voltas até que chegasse a Paço de Sousa, mas chegou, com a importante pergunta de quem era o actual responsável pelas instalações eléctricas que, contra tão pesada inércia, P.e José Maria logrou montar.

Achei graça. Quanto mais áspero o terreno, quanto mais adversas as condições, mais cerne ganha a árvore que sempre nasce e cresce. Pelos vistos o progresso não mudou muito naquelas repartições dos Serviços Eléctricos, que foi preciso subir e descer tantas vezes, até se conseguir linha e posto de transformação que ajudaram a dar vida e movimento àquelas paragens do Infule-ne, que encontrámos também camufladas pelo capim e pela incúria. A informação dos ficheiros não foi actualizada, mau grado a «vigilância, o trabalho, a unidade» do regime. A Casa do Gaiato ainda lá consta. Será que ainda nos vem ter algum dia a conta da energia consumida, se acaso a Polficia Polfítica que lá mora não preferire as trevas...?!

Padre Carlos



Susana e Carla, filhas do Rogério.

Livro «O CALVÁRIO»

É, e continua a ser, se Deus quiser, um grande rodopio de pedidos! Não falando, já, de requisições pelos postais RSF, os quais enviámos oportunamente dentro de O GALATO.

A correspondência que temos em mãos fala como ninguém de «O CALVÁRIO»! Tudo o mais que se diga, não tem tanta força. Ouçamos:

● «O CALVÁRIO» foi um choque horrível e maravilhoso. Estava a ver o «Holocausto» quando o livro chegou...

O que seria o Calvário na TV? Mas a sua maior grandeza, como aliás toda a obra de Pai Américo, é ser nossa e estar fora do barulho, da «solidariedade programada», etc.

O pior é que tenho tanto que fazer, tanta preocupação, tantos nervos para esconder,

tanta calma a aparentar que... esqueci-me! E isto é tanto mais horrível como natural! Explicar não vale a pena. Quero é agradecer o tanto que nos ajudaram a não cair neste sorvedoiro de materialismo e egoísmo em que vivemos.

Tive um aumento. Pagaram agora em retroactivos. É pouco: 3.000\$00. Pensei: 1 para o Calvário, e é barato para o «mal» que me fez! Outro para as cotas, sempre em nome do meu filho, talvez ele um dia!!! Somos muito parvas as Mães, não é?...»

● «Recebi «O CALVÁRIO» de Padre Baptista. E veio na hora própria. Foram mais três meses de cama, gravemente doente. Ainda assim, em pequenos momentos de alívio, fui lendo sempre O GALATO. Por ele soube que estava para

sair «O CALVÁRIO». E que alegria quando o recebi! Agora já vou lendo aos bocados e, diante dele, só sinto vontade de me curvar por tanto sofrimento e tanto heroísmo.

Perante o Calvário sinto-me cada vez mais pequena. Sim, o meu calvário é grande, mas, em vez de me voltar para Deus, o desespero leva-me, quantas vezes, a ficar à porta e abandoná-lo.

Os vossos livros ajudam-me, e hoje preciso deles mais do que nunca!»

● «Junto um cheque que, em princípio, se destina à assinatura do «Famoso» e a uma participação nas despesas da edição de «O CALVÁRIO».

Do que sobrar, embora pouco e se não tiverdes um «compromisso» imediato onde aplicá-lo, apetece-me pedir que seja também entregue ao Calvário, com o penhor da admiração e da «inveja» de mais um destes que se dizem cristãos, que muito se «sentem» com as leituras fortes como as que o livro proporciona, mas que — Deus nos valha — não têm

(como eu não tenho...) a coragem para «deixar tudo e segui-lo!»

Seja pelo amor de Deus!»

● «Peço perdão do meu tão longo silêncio. Não vos esqueci, não! Acontece, no entanto, que o redemoinho da vida me deixa sem tempo.

Recebi o livro «O CALVÁRIO» que me tem servido de meditação e citação para encontros de Catequese que tenho, semanalmente, com adolescentes da minha paróquia. Bem hajam! Fiquei mais rica...»

Júlio Mendes

O nosso dia-a-dia

□ Na conversa da Catequese de hoje, falámos do Evangelho do último domingo e da primeira leitura, tirada dos Actos dos Apóstolos. Catequese da Profissão de Fé: Tomé acreditou na Ressurreição de Jesus porque viu a marca dos cravos e as primeiras comunidades cristãs, porque acreditaram, viram claro o espírito do

sentido da vida comunitária como sinal de Ressurreição.

Segundo os Actos, estas comunidades eram exemplo de Fé e de Amor: «Não havia entre eles qualquer necessidade, pois os que eram proprietários, vendiam casas ou campos e repartiam entre si...» Uma Fé quente: Jesus o acontecimento maior! E, por isso,

a única opção — o Amor: «Vede como eles se amam».

Entretanto, os números aumentaram, as comunidades cresceram, a História influenciou os rumos da vida de quase toda a gente e eis-nos nos nossos dias. Nações poderosas e ricas, ditas cristãs. Nações fracas e pobres, ditas cristãs. Dentro das mesmas, homens ricos e homens pobres. «O vinho novo em odres velhos» — a contradição maior! O egoísmo — o pecado! A fome, as armas, a falta de medicamentos e assistência matam milhares de crianças por ano. A nossa última conversa de Catequese foi assim um bocado triste. Na próxima, falaremos do reverso que, pequenino e sem grandes brilhos, ainda se vê, com alegria. Verdade com duas faces... não a ocultaremos. Tal e qual, quanto possível.

□ Os dois pequenos de Espinho já cá estão. Um de sete e outro de treze anos. O mais novo, logo que chegou, quis ir conhecer a nossa Aldeia. Ao passar pela rouparia viu o Luisito, que só tem 2 anos, e exclamou bem lá do fundo: — «Então as mães põem cá os meninos tão pequeninos?!» Ele, que também é pequenino, a doar-se com os mais pequeninos que ele! A sensibilidade ainda pura, no esquecimento da sua chegada de há minutos para lembrar — e de que maneira! — os que já cá estão. Ele que não tem mãe, a sofrer com o outro que, feliz ou infelizmente, ainda a tem.

Ora vejam lá o que isto não tem de lição! Soubéssemos nós dar todo o relevo e autenticidade a desabafos como este e o mundo seria outro. Mas não sabemos!... Por isso tanta doutrina perdida ou escondida por culpa nossa.

Júlio Mendes

Padre Moura

NOTAS DA QUINZENA

1 Ia em meio a Festa no Coliseu. Sou procurado. Um boletineiro da Marconi esperava no átrio e estende-me um telegrama e a etiqueta com a data e hora da entrega. Assinei-a com o coração a bater forte. Que seria...? De quem seria...? A inquietação virou depressa doce surpresa. A mensagem vinha de Amsterdão, enviada por um Rapaz nosso e um amigo holandês: «Votos de feliz Festa».

Eis uma presença inesperada e saborosa que veio aumentar a temperatura de afecto já tão alta naquela vasta sala, povoada por tão calorosa multidão.

2 Fui celebrar na sua Capelinha num fim de manhã. Era próximo o trigésimo dia sobre a chamada por Deus daquele Amigo; eu estava disponível e fui.

Tudo naquela casa é beleza e inspira serenidade. Não só nem sobretudo as coisas, o ambiente, a quietude do lugar, mas a Companhia que ficou, mensageira e testemunha da Fé que os uniu na mesma raiz e os alimentou ao longo das dezenas de anos que ambos ali viveram no amor e alegria da juventude até ao derradeiro momento.

Era meio-dia. «Amigo não empata amigo. Eu sei a sua vida. Mas come o caldo conosco e vai.» Aceitei. Foi uma hora deliciosa. Só ouvi dizer bem de tudo e de todos. A gratidão pelo carinho de que se sentiu envolvida pelo seu pessoal, por tantos vizinhos humildes, por quantos a acompanharam naquele transe.

Eu sei que o Pobre tem sido sempre uma parte importante da sua vida. Encontrámo-nos mesmo ao serviço de alguns. Sei que nem sempre a gratidão, a correspondência, foram a moeda com que lhe retribuíram. Mas ela tem uma palavra de tolerância e de compreensão para todos. Um mau comportamento de outrém tem para si uma explicação que nos culpa mais aos bens nascidos do que a eles. Ela põe sempre a tónica na bondade que há em cada homem. E a sua é tamanha que encobre e apaga as faltas dela nos outros. Feliz! que não será julgada, porque não julga!

Como eu compreendi a amizade profunda de Pai Américo por esta Família! Também ele acreditava sobretudo na bondade do homem e esperava contra toda a esperança, no resgate das maldades de cada um. Também ele tolerava, compreendia, perdoava. Como não haveriam de entender-se tão bem!

Aquela hora foi um pequenino retiro deste mundo de julgadores em que mergulhamos. Foi uma hora de purificação.

Padre Carlos

VINTE E CINCO ANOS

Dia 2 de Maio, a Comunidade de Paço de Sousa celebrou, no Altar, em absoluto recolhimento, os 25 anos de vida sacerdotal do nosso Padre Carlos. Foi uma cerimónia íntima, discreta, apesar de ele não haver estado conosco.

Agora o que nós não podemos é deixar em branco o acontecimento. Decorre a Semana das Vocações... E ninguém melhor o assinala do que o nosso Pai Américo. Ora leiam:

«O novo «padre da rua» só nos últimos anos é que começou a vir por aqui, na qualidade de visitante. Era um visitante dos sábados. Trazia consigo uma bucha, de que fazia a sua merenda e à noitinha ia-se embora. Não dizia nada. Não perguntava. Era um observador. Fez o seu acto final e marchou para a Barragem de Santa Luzia, concelho de Pampilhosa da Serra, estagiar. Ao vê-lo, quem diria? Que marca? Que sinal? Nada. Foi um estudante. Era agora um estagiário. Ia ser mais um engenheiro electrotécnico, que é actualmente a «arma» que dá mais dinheiro. Por isso o tínhamos. Por isso o tomávamos. Pais, colegas, amigos, todos. E ele? Mistério!

Como «naquele tempo», tam-

bém o Mestre hoje chama os que quer. Essa sorte de chamamento, por extraordinária, foi sempre o drama íntimo dos chamados. Eles não sabem. Não compreendem. Vivem a sua perene confusão. Quanto mais Deus se lhes mostra, mais lhes desaparece. Oh drama!

São assim os escolhidos. Ficam as barcas, a rede, a família. A carta de engenheiro que tantos anos levou a conquistar, também essa fica. Todos os laços se quebram. Perde-se a vida!

Pescador de almas. É para isso mesmo. Quantos homens! Que de emoções! Gritos abafados! Almas a entrar nas redes, porque o escolhido deixou as redes. E tudo isto com a simples subida ao altar deste novo sacerdote. Todos os jornais falaram. Hoje, O GALATO repete e cem mil pessoas tornam a ler. Ler é meditar. Meditar é agir. Crenças e descrentes, cada um a seu modo, debatem-se. Ora se ele é verdade que as coisas assim se passam só com o acto da subida ao altar, que fará quando o «pescador» vier a sangrar na sua via dolorosa; que fará! Ele celebrou a sua primeira Missa no dia de Santa Cruz...»

FESTAS

● Vamos ter Festa em Setúbal. É notícia feliz para todos os Amigos e fonte de alegria para a maior parte dos Rapazes.

Desde que os do Norte começaram a soprar na Festa, alguns dos meus, inquietos e receosos, iam-me dizendo com jeito e com mágoa: — «Todos fazem Festa, só nós é que não?!» E outros: — «O sr. Fullano perguntou-me e D. Fulana pediu-me que lhe guardássemos bilhetes...»

Fizemos votação geral: — «Quem quer Festa?» A maior parte.

Houve ainda uns tantos mais velhos com idade e com cultura — que não. Não farão. A vida é para os que querem. E a comunhão, também.

Ernesto, com os dois Pintos dele, é o principal animador. José Moreira e mais D. Ermelinda e Júlio Taia são os ensaiadores.

A Festa vai ser linda! Estaremos na Quinta do Anjo a 26 de Maio. Palmela no dia 27. E em Setúbal a 28.

Padre Acílio

● Como é maravilhoso andarmos por terras longínquas, das nossas Beiras! Terras onde encontrámos centenas de Amigos à nossa espera e salas cheias e pessoas aflitas por não terem bilhetes para as nossas Festas.

Andámos por lá três dias em convívio com os nossos Amigos, dando testemunho da nossa vida humilde e recebendo aquilo que nós necessitamos.

Pois somos muito bem acolhidos por muita gente, no Centro do País, todos os anos com as portas abertas e sempre prontos para nos servir. Um grande abraço de gratidão.

Que estes dias se voltem a repetir, com mais alegria, mais amor e mais pessoas à nossa espera.

E vamos continuar a visitar mais terras, onde encontraremos outros Amigos de mãos abertas, com alegria, para nos acarinharem.

Luís Manuel

ZONA NORTE

- 19 de Maio — Bombeiros Voluntários
ERMESINDE
- 30 " " — Pavilhão Gimno-desportivo
VILA REAL
- 2 de Junho — Salão Paroquial de Meinedo
PENAFIEL
- 15 " " — Cine-Teatro João Verde
MONÇÃO

ZONA CENTRO

- 19 de Maio às 21.30 h — Casa do Povo
MIRA
- 20 " " " 15.30 h — Cinema do Casino
Peninsular
FIGUEIRA DA FOZ
- 25 " " " 21.30 h — Teatro José Lúcio da
Silva — LEIRIA
- 26 " " " " — Cine-Teatro Messias
MEALHADA
- 1 de Junho " " " — Cine Império
LOUSÃ
- 2 " " " " — Teatro de Anadia
ANADIA

ZONA SUL

- 26 de Maio — Quinta do Anjo
- 27 " " — Palmela
- 27 de Maio, às 11 h — Cinema Monumental
LISBOA

Bilhetes à venda: Franco Gravador, Rua da Vitória, 40; Lar do Gaiato, Rua Ricardo Espírito Santo, 8-r/c Dto.; Maison Louvre, Rossio, 106; Montepio Geral, Rua do Carmo, 62-2.º; Ourivesaria 13, Rua da Palma, 13.

- 28 " " " 21.30 h — Cine-Teatro Luisa
Tody — SETÚBAL
- 1 de Junho, às 21.30 h — Cinema dos Bombeiros
Voluntários
LOURES

Bilhetes à venda: Ourivesaria Miranda, R. da República, 80-A, Telef. 2530303; Casa do Gaiato, S. Antão do Tojal Telef. 2539019; e bilheteiras do Cinema (só no último dia).

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª página

tos. A força do mal, não esqueçamos, é poderosíssima. Nas escolas e nos liceus, para já não falarmos nas universidades, faz-se a apologia do amor livre com o mais claro despuddor. Os homens serão assim como os gatos e os cães e os «filhos da malta» e os abortos serão o desenlace lógico de todo este processo.

Antigamente era o grupo social das empregadas domésticas e o das raparigas saídas dos asilos que alimentavam em grande parte a prostituição. Raparigas sem defesa, ingénuas muitas vezes, sem família ou de fracos recursos económicos, encontravam nesse tipo de vida a sua subsistência. O desejo de vida fácil, a cedência a promessas e a vaidade, apressavam a queda, entre outras razões. Hoje, as coisas já não se processam tanto assim e a **escravatura branca**, que o é, sem dúvida, tem mais vasto campo de recrutamento e as forças apostadas neste, servem-se dos mais subtis argumentos.

Jovens de 13 e 14 anos, quando não menos, são apanhadas na rede sinistra dos empregadores. A dissolução moral ajuda e a própria descolonização favoreceu o refinar das coisas. Estamos perante um drama, que, se não podemos ilustrar com estatísticas, se nos antolha de gravíssimas proporções. E o problema só se resolverá pelo assumir das responsabilidades de todos os homens dignos deste País. Primeiro, criando condições materiais que tornem possível uma vida capaz e decente; segundo, lutando pela moralização dos costumes e por uma educação saudável, ao nível das famílias e das escolas; terceiro, pelo combate frontal aos exploradores materialistas e por leis que dignifiquem e defendam a Família como instituição base da sociedade. Diríamos ainda, como complemento, que não basta legislar, pois, mais do que isso, importa urgir o cumprimento das leis. Por exemplo, no plano da moralização de costumes, saíram disposições sobre a venda de revistas pornográficas, mas temo-las visto à venda em plena baixa da Capital...

Centenas de jovens portuguesas — disseram os jornais — saíram para Espanha nos últimos anos em virtude de ali auferirem maiores proventos na prostituição. Mais, que no respectivo «meio» se geraram já tensões, em virtude da concorrência estabelecida. Achamos que há gente muito interessada no facto, dado o caudal de divisas remetido para o nosso País, enquanto, do lado de lá da fronteira, outros se preocupam com a correspondente fuga de valores materiais!

Em Lisboa, quem quiser ver, de dia ou de noite, conforme as circunstâncias, pode apreciar a realidade. Na zona do Intendente, do Marquês e das Avenidas Novas, para lá dos locais costumeiros, se passarmos com olhos abertos, ter-se-

á ocasião de verificar o que apontamos. No Restelo e em Montes Claros, em plena claridade, idem, idem. Na Avenida das Descobertas, por exemplo, um dia destes, topámos com uma situação tão degradante, pela sua repugnância, que não resistimos a contar. Um Agente da Autoridade subia a Avenida, pelo lado esquerdo; a passo lento; à frente, em correria descontrolada, 5 ou 6 jovens fugiam. Uma, mais pesada, um tanto nutrida, já cansada, parecia deitar os bofes pela boca, como se costuma dizer. A imagem ficou-nos e sentimo-nos agoniados com o quadro, testemunho da miséria a que os seres humanos podem chegar. Dias depois, vindos de Alcântara, enxergamos, a Montes Claros, outra página não menos infeliz: um grupo de homens, à maneira de animais esfomeados, com os seus carros ou camionetas estacionados, rodeava uma meia dúzia de infelizes mulheres. É assim o Mundo.

Lutar pela dignidade e pelo respeito devido à Mulher é o nosso propósito. Ajudar o Homem a encontrar a sua própria consciência é o nosso compromisso. Não julgamos nem queremos apedrejar. E só desejamos, em letra de forma, à maneira de quem fala em voz alta, dizer: se todos exigem para as

suas mães, filhas, moivas e demais entes queridos, a maior veneração, porque não a praticam para os seus semelhantes? Será que os outros não são gente?

Terminamos com o pensamento naquelas crianças que são vítimas de tudo o que se apontou. Quantas frustrações e quantas infelicidades?! Sem um mundo adulto capaz e consciente, porém, é escusado falar em Direitos da Criança.

□ Já falámos aqui da obrigatoriedade que nos é imposta de provarmos na Santa Casa da Misericórdia que temos as contas da Previdência em dia, para levantarmos, em cada trimestre, o único subsídio oficial que nos é dado anualmente (99 contos). Pois, hoje, queremos informar que recebemos da respectiva Caixa, duas certidões que nos habilitam ao trimestre em causa, mais um officio informando que, em Dezembro de 1978, tínhamos um saldo devedor de 1\$00 (um escudo), com o pedido de envio da importância em causa em cheque, acompanhado da guia respectiva. Dois mapas completavam a informação. O envelope, com selo de máquina, indicava o preço: 9\$00! Viva a burocracia! Assim vai este País que nos viu nascer.

Padre Luiz

SETÚBAL

■ Família. É sempre com alegria que vimos chegar um dos que foram nossos e queremos continuar a sê-lo pelo sentimento. Entre outros falo hoje aqui do Teodoro mais velho. Veio um domingo logo de manhãzinha. Trouxe consigo mulher e filhos. Veio estar conosco. Esteve na celebração da Missa. Almoçou no refeitório, visitou tudo e foi recordando coisas. Aproveitou e marcou o dia do baptizado do filho. Gostava que fosse em nossa Capela. Podia não ter essa preferência. Mas alguma coisa o chamou. Eu sei como é, como se sente saudades e por isso queremos perfiar o gosto do Teodoro.

■ Eu fechei a oficina. Enquanto esperava transporte fui até ao salão do nosso Lar. Ali dobrava-se O GAIATO e rezava-se o Terço. Uma obrigação ligada a outra. O sabor do trabalho mais a oração. Assim aprendemos da Família de Na-

zaré. Assim queremos ensinar, na certeza de não encontrarmos modelo melhor.

■ A sineta. Ela é nas Casas do Gaiato uma coisa indispensável. Tivemos ocasião de o sentir agora que ela partiu, depois de tantos anos a chamar. Por sabermos da sua falta, fomos logo por uma nova. A sineta, cá em Casa, chama pra tudo. Para comer, para a escola, pró recreio, pró trabalho, para a oração, enfim, é um relógio de torre que não pode estar atrasado nem adiantado, tal a importância que lhe damos. Ela é educadora e, por isso, demos por bem empregado o dinheiro que nos custou. Se tivéssemos um museu, e não fora a nossa necessidade, havíamos de ficar com a velha, pelos serviços que nos prestou durante tantos anos. Assim tivemos que a vender como sucata... pr'ajuda da nova.

Ernesto Pinto



Director: Padre Carlos Chefe de Redacção: Júlio Mendes

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285

Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem: 38.300 exemplares